



O REVOAR DAS “IDÉIAS NOVAS”: O ALVORECER DE UMA NOVA ERA NA VISÃO DE SÍLVIO ROMERO.

Cícero João da Costa Filho¹

“Enquanto no Rio de Janeiro os espíritos se diluíam nas divagações das Cartas de Erasmo, a mocidade do Recife fremia sob o impulso das tentações republicanas, democráticas, abolicionistas, patrióticas. A expressão desse aspirar tumultuário e intenso era natural que, em almas juvenis, se manifestasse pela Poesia e mais natural ainda era que ela tomasse o tom e a coloração dos grandes mestres que no tempo falavam mais alto aos instintos generosos do coração francez, Vitor Hugo e Edgar Quinet.

Eis a razão do que se veio a chamar o condoreirismo, o qual se veio a chamar condoreirismo, o qual deve ser apreciado no sentido íntimo das ideias que espalhou, dos sentimentos a que espalhou, dos sentimentos a que deu expressão, do ardente lirismo que poz em voga. Castro Alves foi o apóstolos andante das novas intuições.

Na Bahia, Rio e São Paulo apareceu sucessivamente como alguma coisa de inédito. A Poesia mudou logo de tom em toda a linha.

Deixados os primeiros exageros de forma, dali tinham de partir as escolas - naturalista, a científica, a parnasiana, que se sucederam nos últimos tempos. Mas, só e quase sempre acontecer, os bem aventurados das margens de Guanabara esqueceram facilmente o ponto de partida, o centro provinciano, onde as primeiras ideias tiveram a ousadia de brotar ”²

O movimento intelectual de renovação literária e filosófica “inaugurador” das *idéias novas*, surgido no Recife, revelando personagens importantes como Tobias Barreto e Sílvio Romero, e que se irradiaria depois para o resto do país, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Ceará³, é, de acordo com Romero, parte integrante de uma nova forma de interpretar a cultura brasileira. A criação do grupo de intelectuais em torno da Faculdade do Recife se confundiu com a própria imagem do polêmico Sílvio Romero em meio a sua trajetória intelectual. Para Veríssimo,

¹ Este artigo é um tópico do terceiro capítulo da minha tese (Interpretando o Brasil de seu tempo), intitulada **No limiar das raças: Sílvio Romero (1870-1914)**, defendida em 30 de Maio de 2013, sob orientação do professor Marcos Silva. Email para contato: cicerojoaofilho@gmail.com

² ROMERO, Sílvio. *Provocações e Debates. Contribuições para o estudo do Brasil*. Porto: Imprensa Moderna, 1908. p. 351.

³ Sobre as leituras realizadas pelos jovens da Academia Francesa e a “independência” das idéias européias. Ver. AZEVEDO, Sânzio de. *A Academia Francesa (1873-1875)*. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Universidade Federal do Ceará. COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do Século XIX*. Dissertação de Mestrado defendido no Programa de Pós Graduação de História Social da Universidade de São Paulo. 2007. Para uma investigação sobre a presença das idéias novas no Brasil, ver. PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. Londrina: UEL, 1997.

*“A escola do Recife não tem de fato existência real. O que assim abusivamente chamaram é apenas um grupo constituído pelos discípulos diretos de Tobias Barreto, professor decerto e, sobretudo, ultrabenévolo, eloqüente orador literário e poeta fecundo, mais do que Tobias pensador e escritor. Cumpre, aliás, repetir que esse grupo, salvo imigrações individuais posteriores, restringiu-se ao norte, donde era a máxima parte de seus alunos, e mais exatamente a Pernambuco”.*⁴

A primazia das idéias novas defendida por Sílvio Romero é apenas um dos acontecimentos da face polêmica do bacharel. O ineditismo clamado pelo crítico sergipano tem motivação política onde diversas vezes criticou a centralização literária do Rio de Janeiro e como conseqüência o esquecimento do que se passava nas distantes províncias do país. Importante núcleo econômico do país durante o período colonial em função do cultivo da cana de açúcar, o Recife foi o primeiro estado a abrigar uma Faculdade de Direito onde somente os mais assistidos estavam em condições de se manterem na província e assim serem alunos do curso. No Ceará, por exemplo, se desenvolveu um grupo leitor de Comte, Buckle, Spencer, denominado *Academia Francesa* integrada por nomes como Rocha Lima, Xilderico de Faria, Tomás Pompeu, Capistrano de Abreu, se dirigiram para o Recife em busca da carta de bacharel. Nomes importantes da historiografia cearense mais respeitada como Sânzio de Azevedo defendem a autonomia do grupo cearense com relação ao grupo liderado por Sílvio Romero e Tobias Barreto. Falamos da *Academia Francesa* para mostrarmos que o grupo cearense possa ter sido precursor das idéias novas tão defendidas por Sílvio. O que se sabe é que segundo Sânzio de Azevedo os integrantes da *Academia Francesa* tomaram conhecimento das idéias novas de maneira independente do grupo do Recife.

Para além de uma discussão em torno de escola literária onde prevaleça a homogeneidade de idéias, o que não existiu, de uma associação em torno de classe e idéias ou de uma mera assimilação das idéias estrangeiras, estamos preocupado em elucidar pontos decisivos para a compreensão cultural do novo Brasil a partir de Sílvio Romero. A *Geração de 1870* é parcela atuante de uma nova ordem econômica, social e cultural que começava a se configurar desde 1850 e que, com a ampliação das camadas médias, será responsável por uma nova maneira de interpretar o Brasil. Antonio Candido bem lembrou a pretensão de Sílvio de submeter toda a cultura ao modelo de Crítica moderna. Caio Prado Júnior caracterizou o ano de 1850 como “o ponto de partida de toda a Evolução posterior brasileira”⁵. Essa conjuntura acolheu as novas idéias científicas e filosóficas com a qual se deparou a geração de Sílvio Romero, dando origem ao bando de idéias novas tão mencionas pelo mesmo. Para Cruz Costa,

⁴ VERISSIMO, José. História da Literatura brasileira. São Paulo: Letras e Letras, 1998.p. 344.

⁵ PRADO JR, Caio. Evolução Política do Brasil. Colônia e Império. 4ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007, p.50.

“Pela primeira vez a nossa pátria via um movimento intelectual que procurava abarcar a totalidade dos aspectos humanos. Até ali, quanto a idéias gerais e sistemas filosóficos, só conhecíamos a mistura pueril da Teologia e da Metafísica ensinada nos colégios, não passando o mais de divagação literária com que alguns pedantes solitários ou em candidata recreavam os seus ócios dando pasto a verdade ou à cobiça”⁶

Os moços bacharéis integrantes da *Geração de 1870*, na maioria, se contrapunham a toda mentalidade imperial. As idéias do Determinismo e do Evolucionismo serviram para compreender o novo Brasil que se anunciava e era representação mediatizada das transformações econômicas, sociais e culturais do momento. Assim como o pensamento espiritualista carreado pelo pensador católico Monte Alverne, representação do Espiritualismo de Vitor Cousin, expressava em grande parte o perfil cultural brasileiro da monarquia, agora as novas idéias do Positivismo, do Evolucionismo e do Determinismo anunciavam a sociedade que estaria por vir. Toda a agitação das idéias novas disseminada pela nova geração propunha uma renovação cultural baseada nos paradigmas do Naturalismo europeu.

Sem termos a pretensão de simplificar ou associar o advento das idéias novas às transformações econômicas e sociais da segunda metade do século XIX, é indispensável salientar a conjuntura que agora se abria a partir de 1850, com a lei que impedia o tráfico de escravos, tornando a Economia brasileira cada vez mais próxima do Liberalismo econômico norte-americano e inglês. Passados quatro séculos apoiado na Economia do trabalho escravo, o Brasil era concebido pela nova geração de intelectuais, bacharéis, médicos, jornalistas e funcionários públicos como um país atrasado e sem mais razão de ser dentro daquele perfil.

No primeiro Império, o estado brasileiro se mostrou sob as vestes de um Liberalismo patrimonialista, excluindo a maioria da sociedade; o dono de terra e os comerciantes de escravos dominavam amplamente todas as estruturas do poder. Todo o *status quo* sofreu duras Críticas dos escritores da *Geração de 1870* em razão das dificuldades de se adentrar no funcionalismo público, das fraudes eleitorais e toda sorte de desmandos políticos, juntamente com a cooptação da opinião pública em benefício das relações “cordiais”. A nova geração clamava por um regime político republicano/democrático, em que o “povo” não ficasse alijado das decisões políticas. Os estabelecimentos de saber como IHGB, faculdades de Direito e de Medicina eram a representação

⁶ COSTA, João Cruz. Contribuição a História das idéias no Brasil. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.p.151

simbólica da sociedade patrimonial, fechada e conservadora do Império brasileiro. Mas, abrigavam razões e projetos de ruptura, como se observa nos pares da Escola do Recife.

Assim como a geração do Romantismo brasileiro, protegida pelo mecenas imperador, buscava conquistar as repartições do funcionalismo público, a geração de Sílvio Romero criticava o exclusivismo desse estado de coisas, elaborando um discurso prontamente acabado, alicerçada nas doutrinas do cientificismo europeu. O novo método dessa geração era buscar nas idéias da Ciência da época os argumentos para a elaboração de um discurso sólido que explicasse a realidade de então.

Se a sociedade conservadora, estamental e de corte fora legitimada simbolicamente pelo Romantismo, os preceitos naturalistas do Determinismo, do Positivismo e do Evolucionismo serviram de base para apontar e identificar o atraso cultural e promover o progresso rumo a uma sociedade brasileira civilizada. A contestação das estruturas data da época em que o grupo dos liberais radicais se opunha aos liberais moderados, simpatizantes do governo, para implementar as reformas. Diante do predomínio saquarema vigente durante toda a História imperial, surgiu um momento em que nomes como os de Zacarias de Góes e Vasconcelos, Nabuco de Araújo, Sinimbu, Saraiva Cotegipe, e Paranaguá romperam com a ala conservadora para fundarem a Liga Progressista. O Império brasileiro agonizava e o regime republicano não tardaria.

Anos depois, em 1870, surgia o Manifesto do Partido Republicano, segundo Antonio Candido⁷ um quase Socialismo, exibindo os anseios democráticos em nome de uma “soberania popular” que mais não era que a voz da nova geração representante dos emergentes grupos sociais, contestando acima de tudo a centralização do poder pessoal do imperador, defendendo a extinção do senado vitalício e clamando por lisura nas eleições. O momento político e social brasileiro era ímpar, um verdadeiro ponto de inflexão da História em que se presenciava a emergência de novas camadas sociais que assimilariam as idéias do Positivismo, do Evolucionismo, e do Determinismo racial e geográfico.

As escolas militares receberiam e irradiariam as idéias do Positivismo, figurando como principal nome o de Benjamim Constant; o Evolucionismo não tardaria a adentrar na Faculdade de Direito do Recife e na Faculdade de Direito de São Paulo. Nos institutos históricos e museus nacionais, o Evolucionismo era a tônica principal porque explicava o atraso do país tendo como referência a civilização européia, propondo a solução para o progresso e civilização num país considerado atrasado

⁷ CANDIDO, Antonio. Introdução ao Método Crítico de Sílvio Romero. São Paulo: Tese/FFLCH, 1945.



culturalmente devido à mestiçagem do espetáculo racial do país⁸. As idéias naturalistas caíram como uma luva na elite letrada brasileira e não tardaria a derrubada do regime imperial.

As idéias novas eram bem a representação de um grupo de intelectuais em busca de respostas para o atraso brasileiro, recorrendo à solução que supostamente só os preceitos das Ciências Naturais ofereciam para identificar o atraso do país de maneira incontestável e a resposta para os mesmos a partir dos paradigmas naturalistas. Foi o início de um novo momento formador da *intelligentsia* brasileira. Tornava-se indispensável recorrer aos preceitos naturalistas oriundos da Europa para interpretar o “novo” Brasil, almejado por estes homens tão crentes na civilização européia, identificar os elementos constituintes do atraso do país e somente assim apontar novos rumos em busca do progresso.

São exaustivos e recorrentes por parte de toda a produção ensaística literária e política e até mesmo panfletária deste período, os conceitos de civilização e progresso. Nos romances naturalistas, sob a influência de Zola, tais termos são recorrentes. Em meio à complexa estrutura social que o Brasil experimentava as *idéias de fora* foram assimiladas, selecionadas e instrumentalizadas para preterir toda a História brasileira “manchada” pelo cancro imoral da escravidão, que atravancava o progresso do país. Foi com o conhecimento das Teorias da Evolução e do Determinismo que esta mocidade preteriu a antiga ordem imperial e elaborou uma nova leitura do país. Foi à geração de Sílvio engajada e preocupada com os destinos da “nação” que

*“Por meio do engajamento intelectual, a “geração de 1870” procurou intervir nas transformações históricas que resultaram na Abolição da escravidão e na proclamação da república, trazendo o despontar de uma sociedade urbana de tipo moderno. Essa concepção empenhada, em que o escritor intervém no espaço público, foi continuada por Euclides da Cunha e Lima Barreto na Primeira República”.*⁹

Mas era com o arsenal teórico europeu que o Brasil seria analisado. Sevcenko sintetiza bem a importância desta nova geração e sua nova maneira de pensar o Brasil,

“Toda essa elite europeizada esteve envolvida e foi diretamente responsável pelos fatos que mudaram o cenário político, econômico e social brasileiro: eram todos abolicionistas, todos liberais democratas e praticamente todos republicanos. Todos eles trazem como lastro de seus argumentos as novas idéias européias e se pretendem os seus difusores no Brasil. Tomemos apenas alguns exemplos dentre alguns dos mais notáveis desses homens. Tobias Barreto, o sergipano em torno do qual iria se aglutinar a chamada Escola do Recife e cuja influência marcaria a obra de

⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁹ VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Cia das letras, 1981. p. 72.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

*intelectuais de relevo como Sílvio Romero, Clóvis Bevilacqua, Arthur Orlando, Araripe Junior, Capistrano de Abreu e Graça Aranha, dentre muitos outros”.*¹⁰

O lema da geração de Romero era fossilizar¹¹ a sociedade atrasada, regida pelo cancro da servidão, responsável por todos os males do país. Não iremos adentrar a discussão de que a instauração do regime republicano foi mera consequência da Abolição, como incorre grande parte dos estudos. Pretendemos somente apontar que a questão da escravidão, para grande parte da geração cientificista, era responsável pelo atraso do país. Parte da elite brasileira estava preocupada com a imagem do país no exterior e a grande questão tratava da substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, o temor de uma onda negra¹², como acontecera na Ilha de São Domingos e no Haiti, e não com as condições de vida do escravo. O Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão e o imaginário de república representava não apenas um regime democrático calcado na alegada soberania popular, mas era equivalente para estes homens ilustrados ao estágio positivo tão ambicionado pelos republicanos inspirados na Filosofia comteana. Na Escola Militar, divulgava-se o catecismo positivista, objetivando o estágio republicano/positivo, como rezava a cartilha de Comte.

Elaborou-se um discurso prontamente acabado e bem urdido por parte da elite intelectual, que ia de encontro ao imaginário de atraso e de barbárie incrustado sob a sociedade imperial brasileira acobertada pelo manto da Economia escrava. Não estamos afirmando que os escritores da geração cientificista de Sílvio Romero tenham se limitado a temas como a escravidão, porque foram, em boa parte, escritores e políticos preocupados com os rumos da nação que cada qual, a sua maneira, elaborou, “projetos nacionais” que transcendiam a mera Crítica do regime escravo vigente no país. Preocupavam-se com vários problemas nacionais e tanto provinham de classes apenas remediadas, devido ao declínio da Economia açucareira, como eram herdeiros de famílias ainda bem estabelecidas economicamente. Dentre os novos grupos sociais integrantes da geração de Romero que, em parte, não mais se vinculavam a antiga classe senhorial reinante durante toda a sociedade imperial, existiam aqueles que advogavam a favor da Abolição da escravidão de maneira lenta e gradual, com ou sem indenização aos fazendeiros, defendendo a “civilização dos costumes” para não causar um corte abrupto com a sociedade de corte, e outras camadas desta elite defendiam a Abolição a “toque de caixa”, mesmo sem nenhum projeto que incluísse o negro na sociedade futura.

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira república. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.79

¹¹ LIPPI,

¹² AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX. São Paulo: Annablume, 2008.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Personagens deste momento histórico de transição são Nabuco de Araújo e José de Alencar. A par de um Liberalismo civilizador, Joaquim Nabuco chamava atenção para o “cancro” da escravidão, que manchava a imagem do país e assim obstava o desenvolvimento do mesmo numa sociedade ávida por alcançar o estágio do progresso e da Modernidade. Por outro lado, José Martiniano de Alencar era um escravocrata que mostrava em sua peça teatral *Mãe* as ambigüidades de uma sociedade que se rogava moderna, mas que em seu íntimo não ultrapassava as teias de costumes mal formados, carente de uma língua nacional.

Mais do que meras questões pessoais e de simples posições partidárias, vinham à tona duas formas de pensar o Brasil enquanto nação. Se Alencar ainda não percebia uma sociedade preparada para acolher as novas idéias científicas, atinando para os costumes bárbaros, chamando atenção para a elite brasileira, já o filho de Nabuco de Araújo era a personificação de muito do que acontecia de mais moderno no plano da cultura européia. Ficamos nestes dois exemplos para traçarmos de forma geral duas interpretações divergentes nas formas de pensar o Brasil enquanto nação.

Se simbolicamente Alencar fora uma figura das mais proeminentes por legitimar todo o estatuto colonial com a elaboração de seus romances indianistas, que elevaram o índio a símbolo nacional, Joaquim Nabuco era um homem moderno, cosmopolita e, portanto, adepto de um projeto nacional caudatário dos novos preceitos científicos. O Romantismo de Alencar, com seus índios civilizados, seus **Peris** e suas **Cecis**, era combatido por um escritor que buscava uma sociedade onde a Literatura e a política não fossem as únicas alternativas para os polígrafos.

Os intelectuais do Império brasileiro estavam sempre a comparar o cenário nacional com a realidade francesa. Um homem como Nabuco de Araújo se encantava por pensadores da Monarquia de Julho, como Guizot, Montalembert, Royer-Collard, Thiers, De Broglie, Lamartine, D’Alembert, Fenelon, Bossuet, de Bonald, Lamennais, de Maistre, Cousin; ao passo que José de Alencar se inspirava em Chateaubriand e Dumas para dar subsídios a sua imagem de nação brasileira. A elite intelectual brasileira tomara por espelho uma realidade que não podia ser mais díspare econômica e socialmente de seu próprio país. O certo é que a elite brasileira precisava buscar elementos plausíveis, adequar as Teorias de fora à realidade nacional e somente assim utilizá-las em benefício de suas mudanças. No país, alguns momentos da História foram batizados a partir da História política francesa.

A conjuntura que se abre a partir de 1850, no que pesem as transformações econômicas, sociais e políticas e as infinidades de idéias divulgadas pelos escritores bacharéis, continuava a forjar a

identidade do país recorrendo ao repertório de leituras europeias. É tema já superado pela historiografia brasileira das últimas décadas do século XX perceber as idéias adotadas pela elite brasileira como fora de lugar, sem chão, sendo instrumentalizadas para fins políticos. Mais do que se resguardar sob as idéias estrangeiras, é a infelicidade de não saber ler a realidade nacional, seduzido pelo charme da Ciência¹³. Mais importante do que buscar a originalidade ou não das idéias é perceber que as Teorias importadas sempre serviram de instrumento para preterir uma ordem anterior, considerada arcaica em nome do sempre almejado progresso europeu, sedimentado pelos argumentos inabaláveis da Ciência europeia.

Os paradigmas científicos, ao mesmo tempo em que forneciam um critério inabalável de verdade porque carregavam consigo a certeza das leis, nem por isso deixaram de sofrer manipulações estrategicamente políticas por parte da elite intelectual brasileira. Os ensaístas da geração de Romero viveram o conflito de terem que adotar idéias provenientes de fora para interpretar a realidade nacional, em nome da identidade nacional do país. Paradoxal é que a caminho do processo de criação da identidade do Brasil, o “atraso” do país ficava sempre evidente quando comparado às nações europeias. Ao mesmo tempo em que a elite intelectual brasileira buscava uma identidade recorrendo às idéias de fora, sempre aparecia um Brasil “atrasado”, fosse em decorrência da presença ou da herança da escravidão, das forças do meio que impediam qualquer possibilidade de “civilização nos trópicos”, e, o que mais inquietava a elite simbólica da época: a presença do cadinho de raças que levaria à degeneração moral e cultural.

A assimilação das idéias de fora só fazia sentido porque o quadro brasileiro era de completo “atraso” com relação às nações europeias, carecendo atingir o nível da civilização e do progresso. Dentre os parâmetros de análise para avaliar o grau evolutivo do país, aparecia basicamente a categoria racial, acompanhada da categoria mesológica. Foi com estas categorias que os cientistas brasileiros pensaram a nação para avaliar o grau civilizatório dos grupos humanos. Dessa forma, as leituras sociais ou as interpretações brasileiras de todos os ensaístas da geração de Sílvio Romero davam-se somente enquanto parte de uma teia de saberes, rigidamente constituídos e fincados na visão da civilização europeia. Daí, sempre o conflito destes ensaístas/divulgadores da Literatura científica frente a um quadro de mestiços e de forças consideradas hostis do meio ambiente, com suas mentes mais na civilização europeia do que no Brasil, o que muito inquietava Sílvio Romero.

¹³ BRESCIANI, Maria Stella. O charme da Ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: UNESP, 2007.



Nesse sentido, a mudança do estágio de inferioridade/barbárie para o de civilização, na mente desses ensaístas, parecia questão de tempo, uma vez que a passagem unilateral do caminho evolutivo se dava sempre do mais simples ao mais complexo. Os preceitos do Evolucionismo e do Determinismo racial e mesológico foram os pilares da nova forma de interpretar o Brasil. As argumentações literárias e políticas dos integrantes da *Geração de 1870* justificavam “cientificamente” o atraso do país e ofereciam caminhos para o estágio civilizado. Os integrantes dessa geração se amparavam basicamente nas leis dos três estágios, em defesa da nova sociedade democrática que estaria no porvir. A imagem republicana oferecia acima de tudo uma visão de sociedade de maiores oportunidades políticas. Na mente destes homens, a sociedade imperial não tinha mais razão de ser, no que reside aqui a instrumentalização das idéias do Evolucionismo e do Determinismo.

Somado ao pensamento de Comte, presenciava-se o surgimento dos argumentos da *lei do mais apto* e da *seleção natural*, elementos centrais para justificar a defesa da ordem republicana e da posição liberal da *Geração 1870*. As leis históricas comprovariam e explicariam os fatos sociais, dando a devida avaliação positiva ou negativa dos acontecimentos sociais e políticos da sociedade como um todo: eis o sentido da adoção do Positivismo por grande parte dos ensaístas brasileiros. No caso específico de Sílvio Romero, o crítico, num primeiro momento, aderiu ao pensamento de Comte, mas à medida que ia tomando conhecimento das idéias de Spencer, tornou-se um perpétuo defensor do Evolucionismo.

Em sua *Obra Filosófica*, denso trabalho em que analisa a situação da Filosofia no Brasil, aborda de maneira específica as correntes e seis escritores brasileiros amalgamados nessa ou naquela escola de idéias. *Doutrina contra Doutrina: o Evolucionismo e o Positivismo no Brasil* é uma análise detalhada em defesa do pensamento de Spencer sobre o perigo da nova Religião da humanidade. *O Positivismo em suas idéias Capitais* é uma dura Crítica a doutrina de Comte.

O Positivismo é uma coisa perigosa e deve ser combatido com seriedade. Desde que uma doutrina, qualquer que ela seja, tornou-se o pão espiritual de algumas centenas de homens, essa doutrina constitui um fator social e um estímulo de ação; essa doutrina distribui alento e entusiasmo, aviventa as forças da alma, afirma-se como um incentivo em nome do futuro. E coisas assim tão graves só podem ser tratadas com severidade e compostura. Podemos tomar com elas a nossa parte de divertimento e gracejo; porque tudo nesse mundo tem o seu momento cômico; mas este expediente deve ser passageiro e relegado para o segundo plano.

*O Positivismo no mundo, e nomeadamente no Brasil, deve ser combatido larga e sistematicamente, ponto por ponto, idéia por idéia, doutrina por doutrina*¹⁴.

¹⁴ ROMERO, Sílvio. *Obra Filosófica*. Op.Cit. 314



Defendia Sílvio Romero, sobretudo, a idéia de Evolução social do povo brasileiro para alcançar a tão sonhada civilização alardeada pelos teóricos europeus e bem assimilada por inúmeros escritores brasileiros dos finais do século XIX. Advinha daí grande parte dos ensaístas brasileiros se apegarem às Teorias deterministas do *Darwinismo Social*, alicerçadas sob as categorias raciais, no que resultava a mera constatação da inferioridade do país. Consciente ou não, fazendo uso de um vasto repertório de leituras estritamente europeu para validar as argumentações acerca da situação do país, os demais escritores da geração de Sílvio se embrenharam na missão intelectual de gerir um discurso consistente que não deixasse margem a dúvida, daí o apelo à Ciência como estratégia discursiva.

A Europa fora o modelo de sociedade celebrada e que servira de espelho para a elite brasileira, mesmo que a distância entre esta idealização e a realidade política, social e cultural do país receptor saltasse aos olhos.¹⁵ A elite intelectual brasileira esteve a comparar a realidade nacional tendo como parâmetro os países europeus, na maioria das vezes, estas idéias estrangeiras eram absorvidas sem o conhecimento mínimo da realidade nacional. O resultado da assimilação dessas idéias seria uma leitura desencontrada devido à inexistência estrutural para a adequação e futura aplicação das mesmas, ocasionando a mera instrumentalização em benefício de atitudes políticas por parte de intelectuais e políticos do país.

O novo Brasil pensado pela geração de Sílvio seria um país moderno, regenerado da Economia escrava e que se preparava para receber levas de imigrantes europeus, propiciando tanto a depuração étnica num país mestiço – fator considerado causa maior do atraso do país – como a formação liberal da nova Economia do país. Embora um escritor como Antonio Paim chegue a perceber em uma das fases do pensamento de Sílvio Romero uma feição marxista porque o crítico sergipano investigara diversas zonas sociais do país, esmiuçando o quadro de extrema pobreza, que ia do chefe de clã às populações sertanejas, era a partir de uma estrutura orgânica que o crítico literário pensava o Brasil. As leituras assimiladas pelos ensaístas brasileiros eram de pensadores regeneradores sociais, figurando como expoente máximo Comte, mais Darwin, Spencer (preterindo verdadeiros “revolucionários” como Nietzsche ou Marx), autores que, quando muito, advogavam uma reforma de valores e não uma mudança das estruturas sociais. A assimilação do Positivismo e do Evolucionismo é bem a comprovação de que a elite brasileira buscava alterar as nuances sociais sem mexer na estrutura orgânica do país, na legitimação do *status quo*.

¹⁵ PINTO, Ricardo M. Sílvio Romero: contribuições à formação do pensamento racial no Brasil (1870-1914). Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós Graduação da Universidade de São Paulo, 1996.

Sílvio Romero tinha conhecimento de Marx e cita o pensador alemão quando discute a viabilidade do surgimento do partido operário no Brasil. Mais significativo que apontar o conhecimento das leituras de Marx, Engels e Nietzsche é perceber que toda a elite brasileira adotou um modelo explicativo contra-revolucionário. Grupo de intelectuais comprometidos com os rumos da nação, a geração de Sílvio assimilou e produziu farta Literatura concebendo a vindoura sociedade, tendo por base a nascente Sociologia sob os ares do Naturalismo europeu no século da Biologia.¹⁶

Romero foi um árduo defensor do Evolucionismo, como grande parte dos polígrafos de sua geração, e mais que isso: foi com sua maneira de aderir ao Evolucionismo de Spencer que sempre lutou contra a mera imitação das idéias, que em nada contribuía para o progresso brasileiro. Que tenha Sílvio adotado o Evolucionismo como a mais importante base para sua leitura de Brasil e assim prover os caminhos da futura nação, não nos resta dúvidas, mas é preciso admitir que, ao mesmo tempo em que acolhia as leituras de escritores regeneradores, analisava os problemas brasileiros que corriam paralelos a sua Crítica científica.

Para Romero, antes de adotar essa ou aquela Teoria, fazia-se necessário o conhecimento real dos problemas brasileiros. Entre a Crítica e a apologia destas idéias, pesam sobre Sílvio dois fatores: assimilar e interpretar erroneamente as idéias estrangeiras sem antes atentar para o cenário interno do país. Sílvio Romero é um escritor ambíguo, polêmico, agressivo, nacionalista, ressentido, que buscou nas mais diversas áreas do conhecimento embasamento científico tendo em vista eliminar seu país do quadro de atraso social, político e cultural.

Mais prejudicial do que a mera imitação das idéias, como argumentava Sílvio, é o ilusionismo surgido em decorrência da beleza visionária européia. Romero censurou a História brasileira sempre de imitação, chamando atenção dos dirigentes do país pelo desconhecimento da Crítica científica, a seu ver, imprescindível para o conhecimento do verdadeiro país na constituição deste como nação moderna.

A tentativa de criar uma Literatura própria surge no Brasil com a geração do Romantismo, numa espécie de nacionalismo literário. Dois personagens são fundamentais para a formação da identidade brasileira: Wolf e Denis. Principalmente este foi a principal figura para criação de uma identidade nacional. De forma geral, estudiosos da Literatura brasileira como Sotero dos Reis, Pinheiro dos Reis, Cunha Matos, Joaquim Norberto, Santiago Nunes Ribeiro e Varnhagen concebiam a tal Literatura como apêndice da portuguesa. Mesmo com a configuração de um sistema literário e sua consolidação,

¹⁶ CANDIDO, Antonio. A Sociologia no Brasil. Tempo Social, 271/301, V.18, nº. 1, 1959. Ainda. IANNI, Octávio. A Sociologia e o mundo moderno. São Paulo: EDUC, 1988.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

os escritores brasileiros sempre imitaram no afã de erigir uma identidade nacional a partir da realidade européia. Lembremos da dissertação “premiada” do bávaro Von Martius, intitulada *Como se deve escrever a História do Brasil*, em que coube ao naturalista esboçar um quadro de onde partiria o início da História brasileira, relevando uma sociedade escravocrata, estamental e de corte. Documento dos mais significativos não somente porque esclarece e identifica a História oficial e positivista que via o documento como *verdade*, mas porque traz inúmeros elementos que servem para nossas análises como, por exemplo, a de ter sido o Brasil sempre concebido a partir de uma visão de fora. O Romantismo brasileiro, que seria duramente criticado por Sílvio Romero, revestiu-se de um caráter fortemente nacional e mais não foi que um movimento transfigurador não apenas da imagem do índio brasileiro, como de todo um cenário que aumentava a fauna e a flora brasileira, pouco se preocupando com a maioria da população brasileira. Fora o Romantismo brasileiro o primeiro momento em que o Brasil expressava carecer de uma identidade. Para os escritores românticos, foi mais interessante erigir uma imagem idílica do Brasil do que retratar os conflitos internos do Império e a situação de miséria do povo. Os conflitos internos supostamente se apaziguavam sob o manto pacificador do monarca brasileiro. É bom que se diga que o movimento liderado por Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias em torno da revista *Niterói* tem início com esses jovens brasileiros residindo na França. A nação brasileira como vimos fora sempre elaborada à imagem e semelhança da sociedade do velho mundo onde não havia espaço para os reais elementos que constituiriam mais tarde tal unidade nacional. Respaldo simbolicamente pelo Romantismo brasileiro, que estilizou a realidade nacional, e por um Catolicismo hierárquico, que legitimou toda uma sociedade de corte do Império Brasileiro, toda esta sociedade seria duramente criticada pela nova visão naturalista de Romero, donde seus duros ataques ao projeto nacional desses escritores.

A falta de uniformidade de idéias da Escola do Recife se explica, em parte, pela nova conjuntura política iniciada em 1850 e se volta sobre uma complexidade difícil de esmiuçarmos devido às várias vertentes e fases pelos quais passou o movimento. A tão apregoada renovação literária e filosófica pretendida por Sílvio contrapõe-se a toda ordem de um Brasil considerado arcaico e mesmo com o advento do regime republicano, persistiram os problemas denunciados pelo escritor. Não há uma homogeneidade de corrente ou mesmo uma associação de idéias e classe social, onde um perfil sociológico facilite a análise do movimento. A heterogeneidade das Teorias e a inconsistência da idéia de “geração” explicam os desdobramentos das correntes evolucionistas e deterministas, justificando o predomínio do *Darwinismo Social*.

É mais vantajoso identificar a postura teórica de Sílvio Romero reconhecendo a importância do movimento ideológico e político que não apenas contestava a ordem brasileira como um todo, buscando adentrar as instituições públicas, do que buscar identificar os variados grupos que traçaram planos para o futuro do país. O certo é que os inúmeros integrantes desse movimento literário e filosófico participaram da fé num Brasil moderno e civilizado.

O cenário nacional é o que nos interessa e a visão de cada integrante não se reduz aos elementos há pouco aludidos. É consenso por parte de uma historiografia bastante conhecida, apoiada em nomes como João Cruz Costa, Nelson Werneck Sodré, Antônio Candido, Wilson Martins, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Renato Ortiz e Roberto Schwarz, dentre outros, o argumento das “ideias fora do lugar”, discussão que não iremos adentrar porque não contribui para os fins da pesquisa. Outro argumento é que o conhecimento do país sempre se deu a partir da teia dos saberes europeus. O caso de Sílvio é sintomático porque munido por este saber ilustrado, mostrou ser um intérprete de seu país não perdendo de vista os problemas nacionais, denunciando tais problemas de maneira clara e combatendo todos que discordassem de sua maneira de pensar.

Se apelarmos para a leitura do crítico literário Roberto Schwarz, veremos que a assimilação das Teorias liberais era aplicada num cenário sem elementos compatíveis à recepção das mesmas. Fora de seus devidos lugares e sem chão, as idéias européias eram como que letra morta porque encontravam pela frente o “Liberalismo” baseado na escravidão. Na Europa, as Teorias liberais tinham sentido porque iam de encontro à centralização dos países sob as mãos absolutistas dos reis. Mas isso não pode nos fazer esquecer de duas questões: 1) O Capitalismo se constituiu internacionalmente e a escravidão não é um dado das colônias isoladamente, pelo contrário, é parte fundamental dos interesses econômicos das metrópoles onde a escravidão não mais existia. 2) O Liberalismo é tão Ideologia na América escravista quanto na Europa do assalariamento generalizado.

Se nos debruçarmos sobre o estudo de Renato Ortiz, veremos que o autor afirma que no Brasil as idéias do Positivismo, Naturalismo e Darwinismo Social estavam sim em seus devidos lugares, chamando atenção para o teor prático por parte de toda produção ensaística dos idos de 1870.¹⁷

Para além de uma análise acerca das idéias assimiladas na época e empreendidas pela Geração de 1870, parece-nos exaustivo investir na falta de coerência de leituras adotadas pelos ensaístas dos finais

¹⁷ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. Ainda. FRANCO, Maria Sílvia Carvalho. *As idéias estão no lugar*. Cadernos Debate, 1. São Paulo: Brasiliense, 1976.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

do século XIX no Brasil. No fundo, embora saibamos da ausência de homogeneidade teórica, as leituras predominantes foram as do Positivismo, do Evolucionismo e, sobretudo, do Determinismo racial e mesológico. Nesse sentido, cabe perceber somente o sentido da assimilação destas vertentes e enxergar até que ponto tais idéias respaldaram e viabilizaram a nova maneira de interpretar o Brasil. O que nos interessa não é apenas elencar nomes e mais nomes, como os de Darwin, Buckle, Taine, Spencer, Gobineau, Letourneau, Scherer, Lapouge e uma infinidade de autores, mas sim entender o sentido da aplicação de tais leituras para apreender a nova maneira de interpretar o Brasil.

Não basta meramente admitirmos ou tomarmos uma postura que conflua e, portanto, corrobore com boa parte da historiografia literária brasileira, afirmando que as idéias estavam fora de lugar, deixando de lado a realidade brasileira, como também não é suficiente compreender a assimilação das idéias atinando apenas para o lado instrumental, suscitando a idéia de que toda e qualquer idéia fora adotada no Brasil sem sentido algum.

Grande parte dos estudos que compõem uma História das idéias está atenta ao lado instrumental das idéias importadas da Europa e dos EUA pela geração de Sílvio Romero. Mas sabemos que essa falta de coerência da Escola do Recife tem implicações políticas como, por exemplo, o anseio em adentrar as repartições públicas, tornando indispensável o combate ao exclusivismo literário dos escritores quando comparados com o grupo liderado por Tobias Barreto e Sílvio Romero. Alguns dos trabalhos dão mais ênfase ao surgimento e à recepção das diversas Teorias no Brasil, esquecendo-se da infinidade de idéias como estratégia política onde o cenário nacional se torna o principal fator explicativo. Nossa postura é não pender para nenhum dos dois lados: não conceber a absorção das idéias por parte da geração de Romero atinando somente para o lado prático das mesmas, pois assim perdemos de vista a razão ou o sentido do próprio movimento onde existia uma seleção das idéias; e nem defendemos um simples teorismo das idéias, como se estas fossem pura abstração sem relação alguma com a situação do Brasil. As idéias importadas sofriram um processo de seleção e instrumentalização, inaugurando uma nova forma de interpretar o país.

O *bando de idéias novas* a que se referia Sílvio marcou o início de uma nova era nas leituras brasileiras: a partir de então, o país passou a ser analisado tendo por base as leis do Evolucionismo e do Determinismo racial e mesológico. Nesse sentido, sustentamos a mesma hipótese de autores como Antonio Candido, Maria Isaura Queiroz, Roberto Schwarcz, Mariza Correa, Lilia Schwarcz, Renato Ortiz, Otavio Ianni, e que Ângela Alonso amplia ao nível máximo.

Desconstruindo uma História das idéias, Ângela Alonso defende que a atenção apenas para adoção das idéias perde de vista o cenário nacional em que precisam se realocar para somente assim impulsionar as estratégias políticas legitimadoras de toda a movimentação do pensamento na derrocada da ordem imperial brasileira. Alonso percebe o revoar das idéias novas carreadas pela *Geração de 1870* como movimento político, uma vez que idéias e prática não se separam. A razão maior e o sentido de toda a agitação das idéias novas se davam somente porque nela estavam às ferramentas para a Crítica às instituições do Império. As idéias da *Geração de 1870* foram instrumentalizadas na crítica as instituições imperiais deitadas nas mãos da antiga camada senhorial que, agora, sofria a concorrência das nascentes classes médias e de novos setores dominantes. O teor pragmático é salientado pela autora:

*“Essa situação relativa em relação às instâncias de poder do Segundo Reinado, tendo insistido, é a causa principal da mobilização “intelectual” dos anos 1870. E é também, vou agora argumentar, o que explica sua forma, o caráter para institucional de suas manifestações. O movimento da geração 1870 inicialmente procurou os meios canônicos de exprimir demandas no Império: a publicação de obras de interpretação da conjuntura, o ingresso nos partidos, a redação de panfletos e manifestos. Malograda esta via, começaram atividades paralelas para auto expressão e difusão de suas teses fora do mundo estamental. Fundaram sociedades, clubes e pequenos jornais. Organizaram eventos, efemérides, intervenções públicas, comícios, banquetes, recitais, passeatas, viagens de propaganda”*¹⁸

Ângela Alonso estuda toda a influência e utilização das idéias assimiladas pelo movimento intelectual e político da *Geração de 70*, em sua multiplicidade de projetos na contestação da ordem imperial. O que chama nossa atenção neste trabalho é a inserção das ideias europeias e sua instrumentalização no cenário nacional por parte da geração de Sílvio. Vendo a autora a adoção das idéias pela geração de Sílvio como recurso de contestação ao Brasil imperial, explode a separação entre Teoria e prática, entre obra e práxis. Alonso pontua a mobilização dos grupos contestadores surgidos nas faculdades de Direito de São Paulo e Recife. Com relação a Sílvio, afirma que Romero não é típico do ponto de vista de sua posição social. Embora tenha se cristalizado a associação entre a Escola de Recife e a emergência de uma “pequena burguesia” com base no estudo clássico estudo de Antonio Candido (1988), o ponto pede especificação. Como tenho argumentado, há uma diversidade de extração social entre os membros do movimento intelectual da geração de 1870. Sílvio Romero (1851-1914) “só com muita condescendência pode receber o qualificativo de pequena burguesia ou classe média. Rigorosamente, filia-se à camada senhorial decadente. O pai, português comerciante,

¹⁸ ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império*. São Paulo: Paz e terra, 2002.

casou-se numa família típica do norte em fim do Império: os Vasconcelos, donos de engenho de açúcar. Foi no ambiente da casa-grande senhorial dos avós que cresceu, muito à feição de Joaquim Nabuco.”¹⁹

O trabalho da socióloga nos faz rever toda a adoção das idéias européias e da instrumentalização das mesmas por parte de Sílvio como forma de superar o atraso brasileiro, e neste ponto, concordamos com a autora. Mais relevante do que reconhecer a instrumentalização das idéias pelo jovem bacharel é reconhecer toda a Crítica de Sílvio ao passado nacional. Em várias frentes, Romero teve posições claras e bem sedimentadas. Fosse com relação ao regime de governo, se presidencialismo ou parlamentarismo, a formação de um partido operário, a melhor maneira de colonizar o país, a questão de terra, a Crítica no que diz respeito às posturas políticas das inúmeras oligarquias que campeavam de norte a sul do Brasil, lá estava Sílvio com uma posição bem definida. Não basta reconhecer que as idéias assimiladas por Romero eram sim parte de um Brasil em transição, adotada pela nova burguesia, em que as transformações selariam a morte de um Brasil do passado e inaugurariam um novo Brasil, causando a idéia de que o autor partia de um fim já pré- estabelecido, ou gerando a sensação de um mero agitador. É simplismo demais conceber Sílvio como um mero agitador, embriagado por simples idéias alienígenas. A farta produção de Sílvio evidenciam seu amplo conhecimento, numa incessante busca para encontrar a melhor vertente científica para solucionar os problemas nacionais. Se Sílvio elencou nomes em penca, em nenhum momento nos autoriza a tirar o mérito ambicioso de sua História literária. Reconhecer que as idéias adotadas por Romero respondiam às exigências ou necessidades do Brasil dos idos de 1870 é situar o contexto em que essas idéias se moveram, e contribui para a compreensão da História literária criada por ele. Saber que o *revoar das idéias novas* tão alardeadas por Sílvio atendia às necessidades das transformações sociais que enfrentava o Brasil, isso muito já se falou, mas leva a uma visão determinista do autor, cuja principal consequência é o racismo do mesmo. Sílvio conhecia sim as Teorias do Determinismo, mas deixou espaço para uma leitura relativista, o que consideramos ser de vital relevância. As contradições de Romero evidenciam as idas e vindas do autor, as polêmicas em que se envolveu, divergindo da superioridade dos escritores do Rio, as duras Críticas aos inúmeros políticos brasileiros, o apelo em prol dos milhões de brasileiros totalmente desassistidos, espalhados pelos mais distantes recônditos do país, são provas de que não basta ver Sílvio como um escritor determinista. É claro que em algumas de suas obras deixava explícita sua convicção nas leis evolucionistas e deterministas, mas por vezes mitigava seu Naturalismo.

¹⁹ Ibidem. p. 135



O modernismo²⁰ a que se referiu José Veríssimo com relação a toda movimentação das idéias novas era faceta de uma nova conjuntura econômica, em que a idéia de um imaginário republicano confundiu-se diretamente com a idéia de democracia, onde as oportunidades seriam maiores e o povo viveria melhores dias. Para João Cruz Costa, Wamireh Chacon, Nelson Werneck Sodré e Antônio Candido, dentre outros, as idéias do Evolucionismo e darwinismo europeu faziam parte das significativas transformações econômicas atravessadas no momento. Para Cândido, o movimento crítico empreendido por Sílvio Romero “*foi a primeira manifestação orgânica e flagrante do processo de aburguesamento refletindo-se nas esferas mentais*”²¹.

Coube aos divulgadores da Ciência da época hostilizar toda a sociedade de corte, estamental e de cunho patrimonialista, que somente favorecia e beneficiava as famílias abastadas, em detrimento de uma imagem de Brasil-República, mais democrático e, acima de tudo, com a possibilidade de maiores oportunidades políticas. Para além da simples identificação de idéias ou de pensadores, é preciso perceber as mudanças pelas quais atravessavam a Economia e a sociedade brasileira, motivadoras da adoção e reelaboração de tantas idéias européias.

A assimilação das idéias modernas não se coadunava com um Brasil escravo, num momento em que emergiam nos centros urbanos camadas médias que passavam a conhecer os preceitos naturalistas, possibilitando uma nova visão de mundo. A nova geração não fora agraciada com os títulos expedidos pelo mecenas imperador, protetor das Artes e Ciências, nem participou das tertúlias e saraus literários em torno do IHGB. Mesmo que remediados, os novos escritores não encontraram a facilidade da geração anterior, herdeiros de uma tradição rural e financeiramente estável, como um Sales Torres Homem ou um Francisco Adolfo de Varnhagen. Foi a dificuldade da geração de Sílvio de adentrar os espaços do funcionalismo público, dentre outros fatores, que fez esse grupo de intelectuais se prender ao novo método para contrapor-se ao menos discursivamente à Retórica dos antigos bacharéis e dos políticos da geração anterior: escritores economicamente estáveis, de famílias bem estabelecidas, sempre agraciados pelo imperador e aceitos numa verdadeira sociedade de corte. Se a geração de escritores e artistas do Romantismo encontrou proteção sob o manto imperial, a geração de Romero contestou todo este cenário e criticou as instituições imperiais.

A geração de Romero fora antes de tudo parcialmente excluída e marginalizada politicamente, e lutava agora por novos espaços no funcionalismo público. As nascentes classes urbanas buscariam agora por meio das atividades letradas (onde era o jornalismo, especificamente, o jornalismo literário,

²⁰ VERÍSSIMO, José. Op.Cit. p. 296.

²¹ CANDIDO, Antonio. Introdução ao método crítico de Sílvio Romero. Op.cit.p.181.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

o meio mais importante porque era o mais divulgado) elaborar romances, artigos, se agremiar em rodas literárias, como alternativas de ascensão ou mobilidade social.

Vale lembrar que a geração de Sílvia fora marginalizada somente do ponto de vista político e não social. Tanto no Recife como em São Paulo, os alunos das faculdades de Direito vinham de famílias bem estabelecidas, embora, em parte, oriundos da decadente Economia açucareira em crise nas lavouras do nordeste. Tais grupos combatiam as instituições do Império brasileiro porque o regime não acompanhava suas ambições.

Adeptos do Determinismo e do Evolucionismo e oriundos de famílias mais ou menos bem estabelecidas, pertenciam a classes que não podiam ser relegadas politicamente. No Império brasileiro, não havia uma separação entre campo político e literário. Para alcançar a deputação, era necessária a produção de algum ensaio “literário”. Não é por acaso que as questões “literárias” versam sobre os problemas políticos nacionais, em busca dos elementos de brasilidade, apelando para as condições do país e para a situação do mesmo frente aos países europeus. Mesmo diante da diversidade de idéias estrangeiras, sobressai um elemento comum na multiplicidade ensaística: a busca pela identidade brasileira. Mesmo diante da importação das idéias européias - o que sempre ocorrera na História brasileira desde o contato do português com os povos nativos - e da infinidade de escritores, era preciso olhar para o Brasil em busca do brasileiro e de seu caráter nacional.

Com a decadência da Economia do açúcar nas lavouras do nordeste durante a primeira metade do século XIX, presenciou-se a emergência da região cafeeira do Vale do Paraíba que, por sua vez, seria suplantada tempos depois pela região do Oeste Paulista, onde veríamos surgir um dos mais eminentes divulgadores do Positivismo no Brasil, que é o médico Luís Pereira Barreto. Seja a favor de uma nova ordem econômica devido às condições de remediados (como fora o caso de Romero, que seguira carreira pública) ou de uma condição econômica estável (como fora o caso de Pereira Barreto), a situação social e econômica foi fator decisivo para explicar o movimento político e intelectual de contestação à ordem imperial. Os grupos insurgentes, como os bacharéis, jornalistas e cafeicultores, eram os maiores interessados no advento da ordem republicana. O grupo de jovens bacharéis e escritores lutava por uma nova ordem política porque almejavam oportunidades que jamais conseguiriam na sociedade fechada e de corte do Império brasileiro.

As duras Críticas de Sílvia Romero em suas diversas frentes atestam a presença de um país coberto por fraudes e toda a sorte de corrupção política, negligência com relação à população em geral, falta de lisura nos concursos públicos, onde o próprio bacharel por duas vezes não conseguiu ser

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

admitido devido, segundo ele, a sua “posição” filosófica. Mais do que a simples Crítica às correntes ecléticas e espiritualistas, as duras falas de Sílvio carregam o peso da centralização literária presidida pelos escritores protegidos dos medalhões, que cada vez mais dificultava as oportunidades para os jovens escritores das demais províncias do país. Os ataques de Sílvio aos escritores do Romantismo se davam mais devido à relação entre os pares fincados na corte do que pela simples imagem fantasiosa que tinha com símbolo nacional a figura do índio. As Críticas de Sílvio tinham endereço certo e o próprio Romero era bem a comprovação da crença nas idéias científicas, daí seu pragmatismo oriundo de sua paixão pelo Brasil.

Foi Sílvio um pensador pragmático, que buscou conhecer a fundo as idéias que adotava, mesmo diante de suas contradições, de seus acertos e desacertos frente aos inúmeros adversários, para aplicá-las ao Brasil e um dia ver o país livre dos inúmeros problemas que denunciou. O certo é que o Brasil não podia ser mais representado, como dizia o escritor, pelos Gonçalves ou pelos Pedros, criadores de uma imagem irreal que jamais permitiria o verdadeiro conhecimento do país, porque desconsiderava os problemas imprescindíveis ao entendimento do Brasil e de sua identidade alicerçada nas raízes populares.

Mais relevante do que tentar encaixar o bacharel nesta ou naquela corrente, levantando o repertório de leituras que conhecia, se interpretou corretamente as idéias européias, se utilizou grandes nomes como recurso de autoridade, é identificar o sentido de seu Evolucionismo e de seu Determinismo, elementos fundantes de sua visão de Brasil. Se é mais difícil encontrar um eixo de análise para entender as inúmeras idéias assimiladas, é fácil entender as razões de seu Evolucionismo e de toda a sua geração. Antes de tudo, é indispensável o conhecimento do Brasil para compreender todo o revoar das idéias novas. É necessário investigar o cenário interno como elemento mais significativo para a recepção e metamorfose das novas idéias.

É mais vantajoso estudar o pensamento e a contribuição de Sílvio Romero sem simplificar sua forma de ver o Brasil nesta ou naquela corrente, mesmo sabendo do ardoroso evolucionista que era e das inúmeras contradições ao longo de sua vasta produção intelectual. Não se pode é desconsiderar a concepção de escritor e a missão literária que dizia ter para com seu país. Mesmo diante de inúmeras idéias, é preciso salientar o modelo de escritor que foi e seu perfil de homem que procurou misturar científicidade com imparcialidade em nome de uma Crítica sociológica para reparar os males do país e apontar os “melhores” rumos para um Brasil não formado como nação, porque compunha-se de uma população mestiça. O que não se pode é desconsiderar o momento agitado da época que servira de

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

suporte para a assimilação e modificação das Teorias estrangeiras, inaugurando uma nova maneira de interpretar o Brasil do futuro, país camuflado por um discurso liberal burguês mais preocupado em controlar socialmente os futuros libertos, sem oferecer uma estrutura social capaz de garantir as mínimas condições de cidadania à população não-branca.

Não existiu homogeneidade no movimento político da *Geração de 70*. Os grupos adeptos das *idéias novas* estavam unidos em função de sua marginalização política e não social, não buscavam fundar escolas teóricas, procuravam sim explicar o atraso do país recorrendo aos preceitos do Naturalismo europeu.

Para Ângela Alonso, o segundo reinado não configurou um campo maior de oportunidades políticas para estes grupos marginalizados, eis o sentido de toda a movimentação de idéias de combate à política imperial de pleno domínio saquarema. Os diversos grupos políticos (liberais republicanos, federalistas científicos, positivistas) concordavam apenas quanto à Crítica às instituições do Império brasileiro. Nas Faculdades de Direito do Recife e de São Paulo, na Escola Politécnica e na Escola Militar (Rio de Janeiro), antiga Escola Central, nos jornais, panfletos e sociedades literárias se processou a contestação da ordem imperial. Mais significativo do que apontar o bando de idéias novas é não perder de vista o cenário nacional onde encontramos não apenas o sentido dessas *idéias de fora* como também a situação de um país saindo de uma estrutura escravocrata fincada na Economia rural, almejando ares modernos e civilizados.

Não estamos a afirmar que a vasta produção ensaística tenha sido motivada pelo mero interesse da busca por cargos públicos ou pela cadeira na Câmara ou no Senado brasileiro porque é desconsiderar o que motivou intelectual e politicamente parte das duras Críticas de Sílvio à geração anterior. Mas também é puro teoricismo achar que Romero e os demais integrantes de seu grupo literário buscavam as idéias estrangeiras por puro deleite, num momento de poucas oportunidades de emprego. Para aqueles escritores que tinham a sorte do apadrinhamento e mantinham relações com um medalhão, restava o jornalismo literário, uma das alternativas para a futura estabilidade, fosse por meio de cargo público, como por exemplo, o colégio Pedro II, ou a tão sonhada consagração para a estabilidade eterna, sendo agraciado com uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (fundada em 1897, tendo Romero como primeiro ocupante da cadeira 17).

Não é necessário adentrar neste ou naquele gênero literário, buscar identificar essa ou aquela escola literária para avaliar a qualidade ou a capacidade geniosa do escritor ou artista para dar votos de mérito ou de agraciado a seu cargo profissional. Antes de toda e qualquer produção literária, antes da

investigação da capacidade de “vulto literário” ou “mediana” por parte deste ou daquele escritor, cabe relevar o momento histórico atravessado pelo país e ver a relação da adoção dessas idéias e não daquelas, no caso, a primazia das leituras evolucionistas e deterministas por parte da elite brasileira.

Sintonizado com as idéias do Naturalismo europeu, Sílvio buscava as Teorias que julgava mais adequadas e fundamentassem sua interpretação do Brasil para traçar o melhor caminho para o país. Assim, procurou tantas Teorias para que o país alcançasse o estágio moderno diferente da concepção dos escritores do Romantismo. Combatendo a sociedade arcaica imperial, atrasada para ele, porque não interpretada pelo método do Naturalismo, bárbara porque resguardava uma população analfabeta e indiferente em relação às questões nacionais, Sílvio Romero partiu da influência do Evolucionismo e das Teorias do Determinismo racial e do meio ambiente para interpretar o país e apontar os caminhos para a modernização do mesmo, visando a transformá-lo à imagem e semelhança dos grandes centros europeus.

BIBLIOGRAFIA

ALONSO, Ângela. Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil - Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX. 3ª ed. São Paulo: Annablume, 2004.

AZEVEDO, Sânzio de. A Academia Francesa do Ceará (1873-1875). Fortaleza: Casa de José de Alencar da Universidade Federal do Ceará, 1971.

BRESCIANI, Maria Stella. O charme da Ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil. São Paulo: UNESP, 2007.

CANDIDO, Antonio. A Sociologia no Brasil. Tempo Social, 271/301, V.18, nº 1, 1959.

_____. Introdução ao método crítico de Sílvio Romero. São Paulo: Tese/FFLCH, 1945.

COSTA FILHO, Cícero João da. Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898). Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo, 2007

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

COSTA, João Cruz. Contribuição à História das idéias no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

IANNI, Octávio. A sociologia e o mundo moderno. São Paulo: EDUC, 1988.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PAIM, Antônio. História das Idéias Filosóficas no Brasil. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1967.

PINTO, Ricardo M. Silvio Romero: contribuições à formação do pensamento racial no Brasil (1870 – 1914). Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social /FFLCH-USP, 1996

PRADO JUNIOR, Caio. Evolução política do Brasil. Colônia e Império. 4ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

ROMERO, Sílvio. Obra Filosófica. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1969.

_____. Provocações e debates. Contribuições para o estudo do Brasil Social. Porto: Imprensa Moderna, 1908.

SCHWARCZ, Lilia. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

VENTURA, Roberto. Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, José. História da literatura Brasileira. São Paulo: Editora Letras & Letras, 1998

FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. As idéias estão no lugar. Cadernos Debate, 1. São Paulo: Brasiliense, 1976